



**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**  
**DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA**  
**LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA**

Trabalho de Fim de Curso

*Reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio: um estudo do quotidiano de alguns casos nas cidades de Maputo e Matola*

**Autora:** Tânia Carlos Zimila

**Supervisor:** Danúbio Walter Afonso Lihaha

Maputo, Agosto de 2017

***Reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio: um estudo do quotidiano de alguns casos nas cidades de Maputo e Matola***

Trabalho do fim de curso submetido ao departamento de Arqueologia e Antropologia, da faculdade de Letras e Ciências sociais da Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura em Antropologia.

A candidata:

---

Tânia Carlos Zimila

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

---

## **Declaração de Originalidade**

Declaro que o presente trabalho de pesquisa é original e já mais foi apresentado na sua íntegra para a obtenção de qualquer grau. Declaro ainda que o mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas as referências bibliográficas e as fontes de informação utilizadas para a sua efectivação.

A Candidata

---

(Tânia Carlos Zimila)

## **Dedicatória**

**À Minha Mãe;**

**Minha mais bela razão de e para eu existir.**

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Agradeço também ao meu esposo que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldade, quero também agradecer aos meus filhos Prince e Marcelo, que embora não tivessem conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimento. E não deixando de agradecer de forma grata e grandiosa a minha mãe a quem rogou todas as noites a minha existência. Agradecer as minhas irmãs Almerinda e Eucilia pela força que sempre me proporcionaram.

Finalmente agradeço aquele que me acolheu de braços abertos, me conduzindo pelos caminhos da pesquisa com paciência e mestria: Dr. Danúbio Liháhe. Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte do meu processo de formação, mesmo aos que com um “bom dia”, um sorriso ou palavras de incentivo, deram contribuição para que esse sonho se tornasse realidade.

## Resumo

O objectivo deste trabalho é de compreender como se processa a reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio tendo como referência a sua re-integração na família, na comunidade/bairro, no círculos de amizades e de socialidade, bem como em termos económico-finaceiros e afectivos após aquela ruptura se confirmar.

A pesquisa procura, de forma específica captar percepções de ex-cônjuges sobre a sua interacção nas famílias e círculos de amizade após o divórcio, percebendo simultaneamente como os ex-cônjuges passam a encarar a vida após o divórcio, uma vez que estes são envolvidos e confrontados com os discursos socialmente produzidos sobre o divórcio e, ainda, com novos processos e/ou continuidade na rede de amizades e nos laços de parentesco.

Nesta pesquisa adoptei a teoria construtivista. Esta teoria defende que o ser humano constrói o conhecimento através de suas interacções sociais, sendo que a realidade não existe além da linguagem construída pelo sujeito através de suas interacções sociais (Castañon, 2004).

Relativamente a abordagem metodológica, adoptei pelos métodos: qualitativo e etnográfico. Segundo De Almeida e Felipe (2010), o método qualitativo permite estudar situações que envolvem seres humanos e suas relações sociais. Este método faz emergir aspectos novos, de ir ao fundo do significado e de estar na perspectiva do sujeito bem como descobrir novas conexões e explicar significados no âmbito da pesquisa etnográfica.

Da análise de dados, compreendi três (3) coisas, dentre as quais: Percepções dos ex-cônjuges sobre a sua interacção na família e círculos de amizades pós-divórcio, A vida encarada pelos ex-cônjuges após o divórcio e Os discursos produzidos socialmente sobre o divórcio e os processos de continuidade de amizades e laços de parentesco.

**Palavras-chave:** *Divórcio; Ex-cônjuges; Reconstituição.*

## Conteúdo

<b>Capítulo I.....</b>	<b>8</b>
<b>1. Introdução.....</b>	<b>8</b>
1.1 Enquadramento e contextualização.....	10
1.2 Justificativa e pertinência .....	13
<b>Capítulo II.....</b>	<b>15</b>
<b>2 Revisão da literatura.....</b>	<b>15</b>
2.1 Problemática .....	20
<b>Capítulo III.....</b>	<b>21</b>
<b>3 Enquadramento teórico e conceptual.....</b>	<b>21</b>
3.1. Teoria.....	21
3.2 Conceptualização.....	21
3.2.1 Divórcio .....	21
3.2.2 Relações sociais .....	22
3.2.3 Reconstituição social.....	23
<b>Capítulo IV.....</b>	<b>24</b>
<b>4 Metodologia.....</b>	<b>24</b>
4.1 Métodos e etapas da pesquisa.....	24
4.2. Técnicas e os instrumentos da pesquisa.....	24
4.3 Técnicas de selecção dos participantes de pesquisa.....	25
4.4 Constrangimentos e superação.....	25
<b>Capítulo V.....</b>	<b>27</b>
<b>5. Reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio.....</b>	<b>27</b>
5.1 Interação dos ex-cônjuges com as famílias.....	27
5.2. Percepções e interação dos ex-cônjuges com amigos e círculos de socialidade.....	30
5.3. Reconstituição afectiva e emocional dos ex-cônjuges.....	32
5.4. Vida económica, financeira e patrimonial dos ex-cônjuges.....	33
5.5. O quotidiano encarado pelos ex-cônjuges após o divórcio.....	34
5.6. Discursos sociais sobre o divórcio e continuidade de amizades e laços de parentesco .....	36
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>38</b>

## Capítulo I

### 1. Introdução

O presente trabalho procura analisar processos de reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio, a partir do estudo do quotidiano de alguns casos nas cidades Maputo e Matola. Contrariamente a grande parte dos estudos disponíveis sobre a temática, este trabalho, procura compreender como é feita a reconfiguração social e pessoal de ex-cônjuges após a ruptura conjugal, tendo em atenção a sua “nova” condição de vida no seio da família, do bairro ou comunidade, bem como nos vários círculos de socialidade aos quais pertencem.

Nesta ordem de ideias, especificamente, o trabalho almeja: *i)* captar percepções dos ex-cônjuges sobre a sua interacção nas famílias e círculos de amizades pós-divórcio; *ii)* perceber como é que os ex-cônjuges passam a encarar a vida após o divórcio e; *iii)* identificar os discursos produzidos socialmente sobre o divórcio e os processos de continuidade de amizades e laços de parentesco anteriormente estabelecidos.

A escolha deste tema deveu-se a uma situação pessoal e familiar que narro mais adiante na *Justificativa e Pertinência* deste trabalho, a par da tomada de conhecimento do divórcio como um fenómeno cada vez mais crescente nas sociedades actuais, e que fizeram com que este tema ganha-se extrema relevância para mim, enquanto pessoa e enquanto estudante de antropologia. Daí te-lo escolhido para o meu trabalho de fim de curso.

Este interesse alastrou-se e fortificou-se com as leituras (pesquisa bibliográfica) que fui desenvolvendo de seguida, firmando em mim uma forte convicção da pertinência social do mesmo.

Neste âmbito, para compreender com mais pormenores sobre assunto, fiz uma análise da literatura disponível que pude ter acesso, onde de modo geral compreendi que o processo de reconstituição social dos ex-cônjuges após o divórcio se baseia em duas abordagens. A primeira defende que neste processo, a mãe é que fica sobre a guarda dos filhos com a principal



responsabilidade no desenvolvimento e educação dos mesmos, e a segunda centrada na psicologia de desenvolvimento humano e dos teóricos da família, que defendem que a reconstituição social dos ex-cônjuges após divórcio é uma nova fase de aquisições de tarefas específicas dos mesmos na reorganização social tanto para a família quanto para o indivíduo.

O trabalho se apresenta em seis capítulos principais, onde, o primeiro é a introdução junto da contextualização e justificativa, que elucida sobre o objectivo do trabalho, sobre os primeiros estudos do divórcio, o motivo que levou-me a desenvolver o tema e a pertinência que o mesmo tem para a antropologia. O segundo capítulo foi o da revisão de literatura e problemática, onde explorei vários textos que abordam sobre casamento/separação, com intuito de entender como é que vários autores se debruçaram sobre o assunto em discussão.

O terceiro capítulo é inerente ao enquadramento teórico e conceptual, onde por um lado é mostrada a relevância da teoria escolhida e a sua pertinência neste estudo. Por outro lado, trago os conceitos que ajudaram a compreender a ligação entre o que os teóricos dizem e o que os dados empíricos nos revelam. O quarto capítulo se reservou para a metodologia usada para a efectivação do trabalho, onde mostrei os passos trilhados para chegar aos dados empíricos de modo a confronta-los com o que os teóricos já tinham falado.

O quinto capítulo se circunscreveu na análise de dados empíricos, onde as ideias dos participantes de pesquisa estão patentes, e delas procurei traçar um discurso científico aceitável, mas não distorcendo o teor apresentado pelos participantes. Por fim, no sexto capítulo encontram-se as considerações finais, onde apresento a condensação de todas as ideias ligadas ao trabalho, sustento o argumento central do mesmo e, ilustro as referências bibliográficas usadas na elaboração do trabalho.

## **1.1 Enquadramento e contextualização**

O divórcio tem sido um fenómeno universal em todas sociedades, onde por várias razões e motivos as pessoas desfazem laços matrimoniais por elas compactuados durante o acto de casamento. Neste sentido na literatura este assunto também tem sido discutido, a realçar-se a existência dos ex-cônjuges deve-se ao divórcio causado por um par de casados, que entra em desentendimento, e opta assim, por romper o contrato conjugal que já vinha tendo antes, (Sarti: 2008, Romanelli:1995 & Coltro:2004), passando-se assim a construir um problema sociológico através de um problema social. Portanto, a separação conjugal tem-se constituído como um momento que modifica o exercício da paternidade, onde ocorrem diferenças significativas no antes e no depois, principalmente em relação à proximidade com os filhos e a questões envolvendo o relacionamento com a ex-mulher.

Este trabalho tem como objectivo geral compreender como é feito o processo de reconstituição social dos ex-cônjuges na sociedade onde passam a pertencer e especificamente, o trabalho capta percepções dos ex-cônjuges sobre a sua interacção nas famílias e círculos de amizades pós-divórcio, de seguida, perceber como é que os ex-cônjuges passam a encarar a vida após o divórcio e identificar os discursos produzidos socialmente sobre o divórcio e os processos de continuidade de amizades e laços de parentesco.

Nos estudos antropológicos, uma etnografia do divórcio é moldado dentro de uma aproximação para a Antropologia das emoções, quer dizer, são significadas as emoções como representações de uma cultura específica, neste caso, se pode observar um código compartilhado, onde o indivíduo pode expressar os sentimentos dele, (Goldenberg, 1991).

Na discussão sobre dissolução do casamento e a partilha de quotas sociais, Jorge Luís Costa Beber trás uma concepção jurídica consoante a divisão de bens instituída legalmente, onde diz que a participação societária de um dos consortes, mesmo casado sob o regime da comunhão de bens.

Recorrendo a história, refere-se que no império romano a família é chave fundamental para a constituição da sociedade e se consagram três formas de contrair matrimónio, as três contemplam o divórcio. Outro grupo humano que privilegia a estrutura familiar é o povo judeu. Na cultura judaica sempre não se aceitou o divórcio. Mas quando há diferenças entre os cônjuges para a vida, eles são intoleráveis, (Gottman, 1994).

Em 1956 mostrou Claude Lévi-Strauss que a vida familiar está presente em todas sociedades humanas, até mesmo no mais discrepante. A família tem um carácter dobro universal, em uma mão a aliança, que quer dizer o matrimónio, e para outro a filiação, as crianças. Sempre há uma transmissão de conhecimento e atitudes que passam de geração em geração. É interessante para desejar saber o que acontece com esses conhecimentos quando há uma separação cedo dos pais. Portanto, para Lévi-Strauss o matrimónio é a base estruturante duma sociedade, e deve existir nele a reciprocidade entre os cônjuges, quando este desfaz-se, a sociedade e família podem entrar em desequilíbrio, (Goldenberg, 2000).

Por sua vez, Kitson (1990) refere que os problemas dos adultos casados é que elevam o divórcio, mas se nós olharmos completamente para isto, sempre não é deste modo. Muitas vezes é uma liberação para as crianças, desde que as situações podem chegar a ser muito prejudicial, muito tempo, até violento. A indiferença é venenosa, também, para as crianças. O divórcio pode supor um inferno, mas também pode restabelecer a paz da família, tudo depende de como os progenitores se comportam.

De acordo com Jablonski (1998), os matrimónios actuais têm tido curta duração, que é dissolvida antes de ter as crianças, ao pequeno tempo que eles se uniram novamente entram em par com outra pessoa, eles continuam se procurando para formalizar uma família.

Para Magalhães (1993) o casamento implica a construção de uma nova identidade para os cônjuges, de um “eu-conjugal” na definição de Singly (1988), que vai se construindo através das interações estabelecidas entre eles. Willi (1995), ao definir o casamento como uma relação diferente de todas as outras, argumenta que quando duas pessoas decidem que viverão juntas, cada uma terá de se modificar internamente e se reorganizar. No processo de separação, a

identidade conjugal, construída no casamento, vai aos poucos se desfazendo, levando os cônjuges a uma redefinição de suas identidades individuais.

A separação é descrita por Maldonado (1986), como uma das mais dolorosas experiências pelas quais pode passar o ser humano, é um processo complexo, vivido em diferentes etapas e em diferentes níveis, ou seja, nos pensamentos secretos de cada membro do casal, no diálogo entre eles e na explicitação para o contexto social que os circunda. Para o autor, estudar a separação amorosa significa estudar a presença da morte na vida, ou seja, na separação há uma sentença de morte recíproca: o, outro morre em vida mas morre dentro de mim... e eu também morro na consciência do outro.

Muitos casais procuram terapia com a demanda explícita de “se separarem bem” e ao longo do processo terapêutico entram em contacto com o desejo, muitas vezes inconsciente, de não romperem a relação, e mantêm-se casados. Por outro lado, há casais que buscam atendimento psicológico com a demanda manifesta de “manterem o casamento” e no processo de terapia de casal se separam, (Ibidem).

Veiga-da-Silva, (1997) ressalta a tendência, predominantemente feminina, de discutir a relação conjugal e de explicitar os sentimentos dos cônjuges na relação. Estas características femininas podem explicar, em parte, o fato de as mulheres terem relatado maiores ganhos com a separação conjugal que os homens e terem descrito com mais clareza o processo de reconstrução da identidade individual.

Numa visão da psicologia, refere-se que é penoso o processo de reconstrução da identidade individual, após a dissolução do casamento. Ao constatar-se que o número de separações conjugais, na população geral, está crescendo muito na actualidade, se pode reafirmar que, actualmente, homens e mulheres buscam relacionamentos amorosos mais verdadeiros e gratificantes e que, talvez por isso, tantos casamentos se dissolvam. Compreender melhor como os sujeitos da população vivenciam o doloroso processo de dissolução conjugal contribui de maneira relevante para promover um atendimento clínico mais contextualizado aos casais que

buscam ajuda psicoterapia, tendo como uma das questões a dissolução, ou não, do laço conjugal, (Rasmussen & Ferraro, 1991)

## 1.2 Justificativa e pertinência

A escolha deste tema se deve a circunstâncias pessoais, académicas e sociais pelas quais passei e que determinaram a minha motivação para desenvolver a presente pesquisa.

Anos atrás conheci o pai dos meus filhos e namoramos, ficamos noivos e após nascimento do nosso primeiro filho a nossa relação entrou em crise tentamos puxar mas não deu certo. Depois que nos separamos parecia que o meu amor por ele crescia dia após dia. Foi muito difícil seguir a vida sem ele em vários aspectos mas, a vida e as circunstâncias dela fizeram com que – voltássemos um para outro.

Tempos depois, casamos, e tivemos mais um filho. Diante disto, no âmbito da escolha do tema para a elaboração do relatório final do curso, questionei-me o porquê de não tornar um problema social (casados) passado pela experiência própria e torna-lo sociologicamente discutível. Foi a partir daí que pesquisei o assunto na tentativa de compreender como é feito o processo de reconstituição social dos ex-cônjuges, com referência aos contextos de Maputo e Matola, onde desenvolvi o trabalho de campo.

Neste âmbito, estudar sobre a reconstituição Social, será pertinente a nível normativo, pois ajudará a fazedores de leis a pensarem no que é pertinente para incluir na lei da família em defesa dos dois ex-cônjuges pós o divórcio. A nível social o trabalho será pertinente pois ajudará aos casais a melhor gerirem os seus lares, e aos separados/divorciados a superarem os obstáculos que encaram após a dissolução da relação.

Em antropologia, o estudo é pertinente, pois relembra as discussões sobre o parentesco, sobretudo ligado a casamentos, neste contextos, vários leitores terão mais um tema reflexivo as diversas formas de reconstituição social e daí surgirá uma nova forma de pensar na temática, isto, diferentemente do que as perspectivas encontradas durante a revisão de literatura sustentam. A nível individual, o estudo será pertinente pois, mostra-me outras histórias de vidas, idênticas e

diferentes da situação que também vivi, dado que, é um alento para melhor administrar a minha relação.

## Capítulo II

### 2 Revisão da literatura

Da revisão de literatura sobre a reconstituição social dos ex-cônjuges após o divórcio identifiquei duas abordagens, a primeira abordagem defende que neste processo de reconstituição social a mãe é responsável pela guarda, desenvolvimento e educação dos filhos (Dias 2015; Gomes 2000; Grzybowski 201; Grzybowski e Wagner 2010; Molon de Souza, Smeha et al 2012; Martins 2015; Ramires 1997; Silva 2005) a segunda abordagem centrada na psicologia de desenvolvimento humana e teóricos da família defende que a reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio é uma nova fase de aquisição de tarefas específicas entre os ex-cônjuges assim como a família na reorganização social de uma forma individualizada (Brito 2008; Caruso 1968; Cerveny 2002; Maria 2012; Peck e Manocherian 1980; Schabbel 2005; Romaro e Oliveira 2008; Torres 1987).

Um dos autores que subscreve a primeira abordagem é Martins (2015) para quem o movimento feminista, tirou a mulher do espaço privado para o espaço público mas, na área profissional a mulher acumula funções domésticas e profissionais. Esta situação faz com que as mulheres desistem de procurar o trabalho remunerado dando simplesmente atenção a família. Para Martins (2015), no fim de casamento, as mulheres têm dificuldades de manter alimentos dentro de casa. Martins, com este pensamento, o autor permite-nos compreender a mulher a partir de uma visão biológica, perdendo de vista que mulher é socialmente construída.

Com uma ideia diferente a de Martins (2015), Ramires (1997) defende que os papéis de homem e mulher são expressões das diferenças biológicas. Ao feminino, são atribuídas características de afectividade e dependência, bem como o papel de responsabilidade exclusiva pelo cuidado dos filhos. Quanto ao masculino, são atribuídas características como racionalidade e independência. Essas construções sociais revelam o comportamento esperado do homem que se torna pai, indicando contribuições para o exercício da parentalidade (Ramires 1997)

Se por um lado Ramires (1997) considera que os papéis de homem e mulher são expressões das diferenças biológicas, por outro lado, perde de vista quando a situação tratar-se de separação conjugal, a referida situação gera mudanças no contexto familiar Molon de Souza, Smeha et al (2012). Para Grzybowski (2011) uma das grandes dificuldades na separação é a diferenciação entre a conjugalidade, ser marido e mulher, e a parental, ser pai e mãe.

O pensamento de Molon de Souza, Smeha et al (2012) apesar de mostrar as limitações da perspectiva biológica nas atribuições dos papéis entre homem e mulher mas, resgata esta visão ao sugerir que numa, separação conjugal na maioria dos casos, ainda é mãe quem permanece coabitando com os filhos e com a principal responsabilidade quanto ao desenvolvimento e educação dos filhos com poucos casos no lado de pai. O pensamento dos autores revela que é a natureza da mulher ficar com os filhos após a separação conjugal, deixando de lado o envolvimento paternal neste processo.

Nesse sentido, Grzybowski e Wagner (2010) evidenciaramem seu estudo, o envolvimento parental após o divórcio, que as mães obtiveram médias superiores em relação aos pais no que concerne ao envolvimento com as crianças. Por outro lado, os pais estavam, mais do que as mães, voltados para práticas educativas relacionadas à dimensão do envolvimento social como, levar ao cinema e ao parque e à dimensão envolvimento com disciplina, isto é, à dificuldade em fazer o filho obedecer. Como se pode compreender no posicionamento Grzybowski e Wagner (2010), depois de separação o envolvimento do pai ou da mãe na guarda dos filhos depende dos ensinamentos que cada um o pai ou a mãe aderiram durante o processo de socialização. Para os autores o pai não tem capacidade de colocar sozinhos os filhos na obediência, esta responsabilidade é a natureza da mãe.

De acordo com Dias (2015) a inserção de homens e mulheres na vida familiar segue referenciais que são apreendidos ao longo da vida. O homem, o masculino e o pai são qualificações que definem o modo de inserção do sujeito na cultura que ele faz parte e juntas elas definem um padrão de comportamento a ser seguido pelos homens. Entretanto, as transformações sociais, que vêm ocorrendo nos últimos tempos, influenciam a forma de viver e de construir a identidade de ser pai ou ser mãe.



O contexto da dissolução conjugal afecta a rotina da família. Muitas vezes, a situação impõe ao pai não morar mais com seus filhos. O distanciamento físico ou a ausência do filho na rotina diária do pai pode promover um distanciamento afectivo (Gomes 2000).

Desta forma Silva (2005) defende que os laços afectivos entre pais e filhos, é algo que vai além do fato de o filho morar com o pai. Nesse sentido, Silva (2005) coloca que o afastamento provocado pela separação conjugal, no qual, na maioria das vezes, a guarda do filho fica com a mãe, faz com que o entendimento da paternidade se fortaleça na mãe, sendo que, por vezes, a saída do homem de casa cria a possibilidade deste reconstruir uma ligação afectiva com os filhos com base em algo que se constrói a cada dia, em cada gesto e em cada situação.

Esta abordagem, a primeira, se por um lado permite compreender que durante o processo de reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio a mãe é que fica sobre a guarda dos filhos com a principal responsabilidade no desenvolvimento e educação dos mesmos, por outro lado perde vista situações que neste processo de reconstituição social todos indivíduos envolvidos são afectados.

Diferentemente da primeira, a segunda abordagem centrada na psicologia do desenvolvimento humano e de teóricos da família defende que a reconstituição social dos ex-cônjuges após divórcio é uma fase de aquisições de tarefas específicas dos mesmos na reorganização social tanto para a família quanto para o indivíduo.

Nesta abordagem, Schabbel (2005), defende que na separação conjugal o grupo familiar como um todo é afectado quando um dos cônjuges resolve sair de casa. Este autor considera que o divórcio legaliza um momento de desunião entre o ex-casal gerando, um clima de disputa entre os filhos, criando novas estruturas de convivência entre eles e incertezas que ameaçam a estabilidade pessoal de todo o grupo familiar.

Enquanto Schabbel (2005) permite compreender as rivalidades que o ex-casal enfrenta, colocando em frente os filhos como a condição de disputa, Maria (2012) refere que numa

separação conjugal, quando o ex-casal possui filhos, e um deles, ou o pai ou a mãe, quiserem desvincular-se, isso gera problemas para todos os envolvidos, pois o que termina é a relação conjugal e não a relação parental. Com isso, é importante que o ex-cônjuge preserve as relações parentais e possa principalmente ser capaz de estabelecer entendimentos mútuos com relação aos filhos Maria (2012).

Segundo Brito (2008) situação difícil vivenciada pelos filhos diz respeito ao fato de quando eles são colocados no meio dos conflitos dos pais, sendo que às vezes o pai ou a mãe, ou ambos jogam o filho um contra o outro. Por sua vez, o autor defende que logo após a separação dos cônjuges, estes filhos exercem a tarefa de transmitir recados, informações já que os pais após separação pouco se falam. Estes recados dizem respeito a questões financeiras e ao cotidiano dos filhos. Percebe-se no entanto que mesmo após a separação, os filhos continuam expostos às brigas.

Com um posicionamento diferente ao de Brito (2008) Romaro e Oliveira (2008) defendem que quando um casal decide separar-se surge uma crise na vida das pessoas nela envolvida directa ou indirectamente, podendo ser elaborada de uma forma menos ou mais adaptativa. Ressaltam ainda que algumas pessoas não conseguem lidar facilmente com as alterações ligadas à separação, pois o rompimento conjugal não envolve apenas o “sair de casa”, mas a necessidade de assumir responsabilidades legais, sociais e emocionais que este momento exige.

Para Oliveira (2008), Schabbel (2005) a separação conjugal condiciona efeitos psicológicos relacionados com aumento de doenças físicas e emocionais. Estas pessoas vivem um momento de fragilidade e propensas a acidentes de automobilísticos, à tendência a cometerem suicídio, faltar ao trabalho e se deprimir com facilidade.

Neste sentido, a possibilidade da dissolução do casamento quando este deixa de ser emocionalmente gratificante ou interfere na liberdade pessoal dos cônjuges, não é mais percebida como uma realidade socialmente estigmatizante, mas antes como a promessa de libertação de uma situação conjugal e familiar insatisfatória Torres (1987). Para este autor a separação conjugal é um momento de devolver a liberdade no seio da família.

Como defende Féres-Carneiro (2003) os cônjuges divorciam-se não porque desqualificam o casamento, mas porque o valorizam tanto que não aceitam que a relação conjugal não corresponda às suas expectativas. Portanto, longe de significar uma desvalorização do casamento, o divórcio reflecte uma exigência dos cônjuges. Assim, na maior parte dos casos, os divorciados acabam caminhando para o recasamento.

No processo de separação, a identidade conjugal, construída no casamento, vai aos poucos se desfazendo, levando os cônjuges a uma redefinição de suas identidades individuais. Assim, em relação à reconstrução da identidade individual, tanto os homens como as mulheres de ambas as faixas etárias ressaltaram a dificuldade deste lento processo marcado, por um lado, por muita solidão mas, por outro, por uma vivência gratificante de liberdade Caruso (1968).

Para Peck e Manocherian (1980) apesar da prevalência do divórcio, os membros da família, em geral, não estão preparados para o impacto emocional, social e económico que o mesmo acarreta. Nesse sentido, tais autores argumentam que a transição da separação conjugal afecta a família em várias gerações, aumentando a complexidade das tarefas desenvolvimentos vivenciadas. Na mesma linha Conforme Cerveny (2002) defende que a separação do casal não acaba com a família, porém a transforma. Em outras palavras, a estrutura se altera com a dissolução da conjugalidade, embora a família, enquanto organização, se mantenha.

Esta abordagem, a segunda, se por um lado permite compreender a separação conjugal como o início de uma nova forma de reorganização social e seus efeitos no seio da família, por outro lado, a abordagem não explica como é feita a reconstituição social dos ex-cônjuges após o divórcio.

De modo geral, da literatura analisei o processo de reconstituição social dos ex-cônjuges após o divórcio baseadas em duas abordagens. A primeira defende que neste processo, a mãe é que fica sobre a guarda dos filhos com a principal responsabilidade no desenvolvimento e educação dos mesmos, e a segunda centrada na psicologia de desenvolvimento humano e dos teóricos da família defende que a reconstituição social dos ex-cônjuges após divórcio é uma nova fase de

aquisições de tarefas específicas dos mesmos na reorganização social tanto para a família quanto para o indivíduo.

## 2.1 Problemática

O divórcio têm sido um dilema na vida de muitos casais em Moçambique. Na tentativa de discutir esse assunto, vários autores têm-se empenhado em perceber dos motivos que levam a este fenómeno. Tentando aliar-me a estas discussões, fiz a análise da literatura com intuito de entender o que os seus argumentos defendem para daí construir um problema de pesquisa.

Neste sentido, percebi que, a primeira abordagem analisada, por um lado permite compreender que durante o processo de reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio a mulher é que fica sobre a guarda dos filhos com a principal responsabilidade no desenvolvimento e educação dos mesmos, por outro lado perde vista situações em que neste processo de reconstituição social todos indivíduos envolvidos são afectados.

Por seu turno, a segunda abordagem se por um lado permite compreender a separação conjugal como o início de uma nova forma de reorganização social e seus efeitos no seio da família, por outro lado, a abordagem não explica como é feita a reconstituição social dos ex-cônjuges após o divórcio, diante disto, surgiu-me uma inquietação, no sentido de entender, *como é feito o processo de reconstituição social dos ex-cônjuges na sociedade onde passam a pertencer?*

Para melhor responder esta questão, realizei um estudo etnográfico nas Cidades de Maputo e Matola com um grupo de homens e mulheres divorciados. Informada e guiada pela perspectiva construtivista, pude à primeira constatar que as pessoas separadas/divorciadas dos seus cônjuges desenvolvem uma tendência de construir uma nova realidade nos “novos” lugares ou contextos a que passaram a pertencer, no meio dos quais elas encontram desafios para a sua reconstituição na nova realidade onde vão se integrar, passando por um processo de aceitação ou exclusão no âmbito da sua inserção social.

## Capítulo III

### 3 Enquadramento teórico e conceptual

#### 3.1. Teoria

Nesta pesquisa adoptei a teoria Construtivista. Esta teoria defende que o ser humano constrói o conhecimento através de suas interações sociais, sendo que a realidade não existe além da linguagem construída pelo sujeito através de suas interações sociais (Castañon, 2004).

Por sua vez, Becker (1992) refere que, a teoria construtivista permite compreender que o indivíduo é dotado de uma série de instrumentos para conhecer a realidade e relacionar-se com ela, partindo de uma aproximação espontânea que permite os modelos e representações intuitivas.

Para Sousa Filho, (2009) uma concepção construtivista implica compreender a realidade social como um resultado da acção dos próprios seres humanos nos seus espaços de vida que reproduzem as diferenças culturais e históricas.

Neste estudo, a teoria construtivista permitiu captar experiencias vividas por um grupo de pessoas separadas/divorciadas com os seus cônjuges na Cidade de Maputo e Matola, que a tendência é de construir uma nova realidade nas sociedades onde passaram a pertencer. De forma adicional, percebi que ao passar para uma nova realidade, os indivíduos encontram desafios para a sua reconstituição na nova realidade onde vão se integrar, e que passam por um processo de aceitação ou exclusão no âmbito da sua inserção social.

#### 3.2 Conceptualização

##### 3.2.1 Divórcio

O divórcio é definido por Brito (2007) como um verdadeiro direito da pessoa humana à vida digna, por conta da liberdade de autodeterminação, que deve ser compreendida inclusive pelo

prisma afectivo. Na percepção Brito (2007), encerrados os projectos e anseios comuns que servem como base de sustentação de insegurança para o casamento, surge a dissolução do matrimónio como consequência natural, consubstanciando um direito exercitável pela simples vontade do indivíduo.

Na concepção de Dias (2008), o divórcio é a dissolução do casamento válido ou seja a extinção de vínculo matrimonial que se ópera mediante sentença judicial, habilitando assim as pessoas a buscarem novos matrimónios. O pensamento de Dias (2008) permite compreender que o conceito de divórcio é de separação judicial.

Na mesma óptica, Diniz (2006) define o divórcio como a dissolução legal do casamento na vida dos cônjuges e de se esperar que essa separação vivida em termo de um processo leva os cônjuges a experienciarem diferentes estilos de vida nos seus novos relacionamentos.

### 3.2.2 Relações sociais

O conceito de relações sociais é apresentado por Schutz (2012)) como todas as interacções que estabelecem-se entre os seres humanos de maneira natural ou por seus interesses individuais ao longo de sua vida. O pensamento de Schutz (2012) permite mostrar que o homem possui um instinto inato de organizar-se em grupos e estabelecer relações entre os que o rodeiam.

Com uma visão diferente Kergoaf (1998) defende que nos últimos dias, as relações sociais ganharam uma nova perspectiva através das redes sociais. Surge portanto novas formas de relações sociais que usam como meio de actuação a tão afamada internet. Um novo meio de relacionar-se, de fazer amigos, de criar grupos com diferentes objectivos e diversas percepções da realidade e de estabelecer relações sociais (Kergoaf 1998).

De acordo com Amaral (2009) as relações sociais são necessárias para a vida em sociedade, pois motivam e orientam o homem no seu processo de desenvolvimento, na sua evolução. Neste contexto, Amaral (2009) acredita que a análise de como as formas de comportamento, as condutas dos seres humanos se tornam estáveis e pouco a pouco formam grupos que interagem através das relações socais durante a sua vida em sociedade.

### 3.2.3 Reconstituição social

A definição de reconstituição social é defendida por Bahia (2008) como um processo que integra uma pessoa novamente ao convívio social após sofrer uma etapa de privação de liberdade, permanecer na cadeia e cumprir pena pelo crime cometido. A finalidade da cadeia, além de castigar, é a reinserção, onde após a liberdade, a pessoa possa ser incorporada novamente à sociedade com a maior naturalidade possível (Bahia 2008).

Além de olhar a reconstituição social como um processo de reintegrar socialmente o indivíduo que libertado da permanência da cadeia, Yamamoto (1988) defende que a reconstituição social de um indivíduo responde diversos pontos de vista, o apoio educativo, psicológico e a realização de algum esporte como meio de transmissão de valores positivos.

Para Júnior (2006) a reconstituição social reflecte a confiança que a sociedade deposita sobre um indivíduo que cometeu erros na vida, mas que pode iniciar um novo caminho graças ao arrependimento. Além disso, a reconstituição social mostra a capacidade de superação do ser humano através da força de vontade e sua capacidade de reflexão.

O pensamento proposto por Júnior (2006) tem como ponto de partida mostrar que a reconstituição social pretende ajudar uma pessoa a sentir-se útil, ter auto estima, confiança em si mesmo, amor-próprio e serenidade. Para a reconstituição social, toda pessoa é importante e pretende mostrar que o valor do ser humano está acima dos seus actos e que sua dignidade tem um valor incondicional digno de amor e respeito. E que apesar das falhas, todo ser humano merece uma segunda oportunidade na vida.

## Capítulo IV

### 4 Metodologia

#### 4.1 Métodos e etapas da pesquisa

O presente trabalho é um estudo qualitativo e exploratório que contou com três momentos: o primeiro momento foi da revisão de literatura e construção do projecto de pesquisa.; o segundo foi do trabalho de campo (realizado nos Bairros Khongolote, Mahotas, Benfica e Zimpeto, nos quais estabeleci o contacto directo com participantes da pesquisa); e o terceiro e último momento traduziu-se na sistematização, interpretação e análise dos dados para a elaboração do presente documento.

Relativamente a abordagem metodológica, adoptei pelos métodos: qualitativo e etnográfico. Segundo De Almeida e Felipe (2010), o método qualitativo permite estudar situações que envolvem seres humanos e suas relações sociais. Em relação ao método etnográfico, este é caracterizado por uma interacção prolongada entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa.

#### 4.2. Técnicas e os instrumentos da pesquisa

No que concerne às técnicas de recolha de dados durante a prática etnográfica do meu projecto de pesquisa, referencio a observação directa que ocorreu em todos momentos em que me encontrava no contexto ou lugar de pesquisa e às entrevistas semi-estruturadas efectuadas a cada participante de pesquisa.

A observação directa permitiu-me perceber o quotidiano dos participantes de pesquisa, este instrumento não obedece nenhuma estrutura para a sua aplicação, e ao apoiar da abordagem de Malinowski (1997) ao afirmar que um etnógrafo deve inspirar-se no conhecimento dos resultados mais recentes de pesquisa científica nos seus principais objectivos, então notei que a observação directa é que está posicionada para me oferecer esses dados. De uma forma geral, Quivy e Compenhoudt, (1992) elucidam-nos que observar em ciências sociais significa recolher apenas dados úteis para verificação dos objectivos.



Quanto às entrevistas semi-estruturadas, trabalhei com um total de cinco (4) pessoas divorciadas dentre as quais dois (2) homens e duas (2) mulheres respectivamente. O instrumento assentou nas perguntas abertas, e me forneceu elementos essenciais que respondem a pergunta de partida, procurando de forma clara a compatibilidade das entrevistas com os objectivos. A relevância das entrevistas semi-estruturadas na antropologia, em particular no presente trabalho, surge no seu carácter da descoberta dos aspectos a ter em conta para alargar ou rectificar o campo de investigação das leituras (Quivy & Compenhoudt 1992).

#### 4.3 Técnicas de selecção dos participantes de pesquisa

No que concerne a escolha dos participantes, no primeiro momento, no mês de Outubro de 2016 a Maio de 2017 participei em conversas sobre o assunto no Bairro de Kongolote e Zimpeto com algumas pessoas divorciadas sem mostrar o meu interesse. O primeiro desafio era de familiarizar-me com essas pessoas. Este mecanismo ajudou-me a conhecer seis pessoas divorciadas três mulheres e três homens nas quais crie amizades com eles e, posteriormente falei com cada um por sua vez que estive interessado em fazer um trabalho de escola sobre o seu dia-a-dia após o divórcio, eles concordaram. Foi desta forma que consegui seleccionar participante da minha pesquisa.

#### 4.4 Constrangimentos e superação

Os constrangimentos evidenciados durante a pesquisa foram vários, mas importa salientar alguns que achei-os cruciais que é mexer com assuntos que são sensíveis, visto que dizem respeito a relação conjugal de duas pessoas, por isso foi com receio que as pessoas interagiam depois de ouvir que o assunto era dizia respeito a sua relação. O segundo ponto crucial é o facto de acharem que o assunto explorado faria parte de uma publicação, onde várias pessoas teriam acesso as histórias das vidas delas, o terceiro e último constrangimento é o factor tempo onde por vezes as pessoas mostravam-se indisponíveis, pois alguns tinham que cumprir com seus compromissos laborais e outros atender tarefas domésticas.

De modo a ultrapassar estes constrangimentos, tive que apaziguar a elas, explicando os propósitos do trabalho, e sossega-las no sentido de que os nomes seriam fictícios e que nenhuma

delas seria identificada durante o texto, isto para além de ter apresentado a credencial facultada pela minha instituição de ensino (UEM).

Importa salientar que além das dificultades, as pessoas mostraram interesse em colaborar com as pesquisas, pois algumas, já tinham mantido contacto com elas, e outras tive acesso através da indicação das que já estavam colaborando.

## Capítulo V

### 5. Reconstituição social de ex-cônjuges após o divórcio

Nesta parte do trabalho, apresento e analiso os dados do estudo em seis secções. Na primeira secção, apresento percepções e interacção dos ex-cônjuges nas famílias, na segunda secção apresento percepções e interacção dos ex-cônjuges em relação aos amigos e círculos de socialidade, na terceira secção apresento a reconstituição Afectiva e Emocional dos ex-cônjuges, na quarta secção apresento como e feita a reconstituição financeira e patrimonial dos ex-cônjuges, na quinta secção apresento a vida encarada pelos ex-cônjuges após o divórcio, na sexta secção apresento os discursos produzidos socialmente sobre o divórcio e os processos de continuidade de amizades e laços de parentesco.

#### 5.1 Interacção dos ex-cônjuges com as famílias

Nesta secção do trabalho, apresento as percepções dos ex-cônjuges sobre a sua interacção nas famílias pós-divórcio como podemos ver os exemplos abaixo:

Na minha família temos o habito de encontrarmo-nos uma vez ao mês para uma confraternização, depois de ter-me separado da minha esposa não consegui fazer-me presente a estes encontros por pelo menos três meses consecutivos.

Minha família se apercebendo do meu isolamento procurou apoiar-me fazendo perceber de que a vida continuava. Não foi fácil pois a minha esposa ficou com a guarda das crianças, a minha vida mudou totalmente tanto que a minha rotina mudou não conseguia mais sair do serviço directo para casa devido ao silencio que la fazia-se presente ao contrario do antes em que eu chegava a casa e meus filhos vinham abraçar-me gritavam por toda casa. O facto da minha família ter me dado forcas me ajudou muito.

A família da minha esposa graças a Deus continua me tratando com muito respeito apesar do fim do casamento eles percebem de que sempre continuaremos ligados pelos dois filhos que eu e a minha ex esposa temos juntos. (Armando, 55 anos de idade), bairro das Malhotas.

Este exemplo mostra que o Senhor Armando ao longo da sua vida após a separação enfrentou muitas dificuldades mas que esta superando com ajuda da família e dos seus filhos que já são

crescidos e puderam encarar com menos dificuldades a separação dos pais. Posso aliar esse facto de superação com a citação do Maldonado (1986). A separação è descrita por Maldonado como uma das mais dolorosas experiências pelas quais pode passar o ser humano.

Uma outra pessoa que partilhou sua percepção e interacção nas famílias pós-divorcio e a Emilia Sithoi, como apresentado a seguir:

Nem sei por onde começo a te falar dessa minha dura e triste historia de vida, digo dura porque e muito triste para mim o jeito como a minha família, ou seja o meu pai tem me tratado após o meu divorcio. Estive casada durante 8 anos e de lá ate ao divórcio a minha dedicação era de tentar dar ao meu esposo um filho, dedicação frustrada a minha porque nunca consegui. Minha mãe, irmãs e o resto da minha família tem me dado muita forca mas o que me dói no fundo do meu coração e o facto de meu pai aliar-se aos palavreados da família do meu marido e atribuir-me vários nomes que não posso repetir. Que Deus me de a graça de poder ainda nessa vida ter um filho que me devolva a dignidade diante da família do meu ex marido assim como para o meu pai. (Emilia Sithoi, 38 anos de idade, Benfica).

Este exemplo mostra que Emília Sithoi esta magoada pelo tratamento que recebe do próprio pai e dos familiares do seu ex-esposo. Eles ficaram casados por oito anos e estão separados há um ano mas o exemplo mostra também que a mãe desta e restante da família tem lhe dado muito apoio e forca para que não desista nunca de tentar realizar seu sonho (ter um filho).

Pude perceber que o que mais magoava a minha entrevistada era o facto de não conceber ou achar que não porque segundo ela nem ela nem o marido foram submetidos a exames médicos de fertilidade. Ainda uma outra pessoa que partilhou sua percepção sobre a sua interacção nas famílias e o Massango como passo a apresentar no exemplo abaixo:

Minha mulher separou-se de mim por causa de beber muito. Sempre que eu chegasse a casa era barulho por vezes chegava a agredir a ela inclusive os miúdos verbalmente. Depois de varias reuniões com família na tentativa de tentar chamar-me a razão por ver que eu não mudava ela decidiu abandonar nossa casa e foi viver na casa de seus pais. Sinto que com a nossa separação quem saiu a perder sou eu porque os meus filhos não aceitam convites para passar fins de semana comigo ou mesmo passear sinto que causei trauma neles que não sei como curar. Sinto saudades

da minha esposa, da vida de casado, falta dos meus filhos, posso até dizer que morri e renasci outra pessoa pois, me sinto estranho comigo mesmo.

Minha família me vê como um fracassado não sentem orgulho de mim dizem que não percebem como fui perder uma esposa como aquela. Quero muito me livrar desse vício para poder recuperar se não a minha ex esposa pelo menos recuperar o amor dos meus filhos, o carinho e afecto dos meus pais porque me sinto muito isolado. Minha família lutou com toda força para me ajudar mas em vão( João massango, 46 anos de idade kongolote).

A partir da declaração do Massango percebi que ele é mais uma vítima das circunstâncias da vida. Este começou a beber até que o álcool lhe venceu fez dele seu refém de modo que perdesse tudo. Esposa, família, filhos e até sua própria identidade. Maldonado (1986), diz que na separação há uma sentença de morte recíproca: o, outro morre em vida mas morre dentro de mim...e eu também morro na consciência do outro.

A seguir apresento dados da Cristina Sumbane:

Casei-me com o meu marido porque amávamo-nos muito, a maior parte do tempo em que estivemos casados fui muito feliz. Separamo-nos porque o meu marido aliciou a minha prima que vivia connosco. Levei a minha prima para viver connosco de modo a ajuda-la na escola e ela também me ajudaria a olhar pela minha casa na minha ausência, mas o que aconteceu e que ela cresceu e o meu marido começou a olha-la como mulher daí que começaram a ter caso dentro da minha casa.

levou muito tempo para que eu descobrisse quando descobri não pensei duas vezes pedi logo o divórcio. Estou separada a um ano mas te garanto que me sinto bem com atitude que tomei, feliz ainda porque a minha família esta toda ela me dando muita força muito carinho e a família do meu marido também tem me acarinhado bastante. Sempre que posso vou a casa da avó dos meus filhos passo uma tarde lá e a vida segue.

A única coisa que me entristece com o meu divórcio é a incompreensão dos meus filhos em relação a saída do pai deles de casa. Ele era um pai amável e presente, sempre que perguntam do pai tento explicar-lhes que pai saiu de casa mas que sempre que eles precisarem irão vê-lo. Essa situação me deixa mesmo sem triste mas nem pelos meus filhos posso aceitar o que o meu ex-esposo me fez. (Cristina Sumbane, 40 anos de idade, Zimpeto).

O exemplo da Cristina mostra que diante duma separação não só os cônjuges separam-se, mas as pessoas que os cercam também divorciam-se porque para esses falar da Cristina implicava falar também do esposo e fica complicado para todos terem que desassociar o rosto da Cristina do rosto do marido. Por exemplo os filhos puderam ver sempre que sentirem saudades o pai, mas essa acção não compressa a ausência do pai em casa, pois estes tinham como costume sair com pai e mãe juntos. Separar esses dois personagens desorganiza claramente a mente dos filhos.

A partir dos exemplos apresentados nesta secção mostro que os factores que levam ao divorcio são diferentes dependendo do casal para casal, mas há algo em comum em todos meus entrevistados, que são as consequências desses divórcios. Isto e, em todos meus entrevistados pude perceber que o divorcio além de afectar somente ao casal afectou os familiares, amigos e principalmente os filhos. Esse e o factor comum em todos. Sarti: 2008, Romanelli; 1995 e Coltro: 2004, mostram que a existência de ex cônjuges deve-se ao divorcio causado por um par de casados, que entra em desentendimento, e opta assim por romper o contrato conjugal.

## **5.2. Percepções e interacção dos ex-cônjuges com amigos e círculos de socialidade**

Aqui mostro como os ex-cônjuges passam a lidar com os amigos e pessoas do seu meio de socialização.

Depois que me divorciei da minha esposa, posso dizer que fiquei perdido porque a minha vida mudou por completo. Parei de frequentar os lugares onde frequentava, criei novas amizades que quando paro para avaliar hoje vejo com muita clareza o quanto fui inconsequente. Meus amigos não eram amigos da minha esposa sempre procurei mantê-la longe das minhas amizades, isto porque sempre trai a ela e nesses lugares onde frequentava com os meus amigos levava sempre minhas “amigas”, talvez seja isso que levou-me a afastar dos meus antigos amigos e me arrumei outros piores. Nos locais da nossa socialização tive de dar varias explicações de porque não estava mais com minha esposa mas hoje em dia sinto que as pessoas já se acostumaram a meu novo estado tanto que passo despercebido em alguns lugares. (Armando).

Com o relato do Armando compreendi que de certa forma ele culpava os amigos com quem frequentava vários locais de lazer pelo seu divórcio, tanto que depois do divórcio achou melhor parar de frequentar tais locais e criou novas amizades que o ajudaram a se reerguer.

A seguir temos revelações da Emília sobre como passou a ser a vida dela com amigos e seus círculos de socialização.

Fora a minha família, posso afirmar com precisão que os meus amigos foram fundamentais para que eu não desistisse da vida. Não sou de muitas amizades mas os poucos que tenho valem por muitos, eu não precisei fugir, evitar usar mesmo caminho que os meus amigos eles estiveram comigo sempre que precisei me fizeram entender que ainda que não pudesse ter um filho podia aproveitar a vida do mesmo jeito que quem o tivesse. Continuo a frequentar mesmos locais onde frequentava com eles antes. Meu marido não tinha muita afinidade com meus amigos talvez por isso que me sinto muito bem ao lado destes. Em locais de minha socialização continuo frequentando normalmente, falo do grupos de xitiques. Estes sabem que eu sou divorciada mas não sinto nenhuma diferença na forma como me tratam porque a maioria não chegou a conhecer o meu marido.

O exemplo da Emília mostra que pelo facto do ex-esposo participar pouco nos seus eventos festivos acabou ajudando porque pelo facto de não conhecerem o marido poucos lhe questionaram sobre o porque do divórcio e esses amigos tiveram um papel fundamental para a sua reconstituição. De acordo com Jablonski (1998), os matrimónios actuais tem tido curta duração que é dissolvida antes de ter as crianças. Ao pequeno tempo que se uniram novamente entram em par com outra pessoa.

Massango a seguir mostra-nos como foi a experiencia dele com amigos e nos locais de sua socialização.

Há pessoas em que nós pensamos serem nossos amigos mas no pior momento de nossas vidas demonstram o que valem. Meus amigos me abandonaram aos poucos e quando me apercebi ninguém mais me visitava. não foi fácil para mim aceitar ceder o divórcio pôs a minha religião não pactua com divórcios ou separações mas depois de muito tempo afastado da minha esposa compreendi que não haveria volta daí fui contra as normas da minha igreja cedi o divórcio. agora

estou em fase de organizar-me sozinho. Nos locais da minha socialização algumas pessoas dirigem-se normalmente a mim mas algumas mantêm-se de longe comentando que de tanto beber perdi minha esposa e filhos.

Massango mostra que com a pressão da esposa pelo divórcio acabou indo contra as normas da sua igreja que é contra esse factor. (Gottman 1994), mostra que os Judeus são intoleráveis no que diz respeito ao divórcio. Mas quando há diferenças entre o casal para a vida eles são intoleráveis. Em relação aos amigos acabou tirando uma lição da situação triste em que se encontrava sua vida, pois ficou a saber que não tinha sequer amigo todos eram acompanhantes dos dias bons. a baixo Cristina como foi com os seus amigos no momento em que ela mais precisou:

Eu me divorciei do meu ex- esposo mas por vezes temo nos encontrado em convívios com nossos amigos porque nos temos amigos em comum. Nossos amigos não se conformam pelo facto de estarmos separados. Confesso que sinto muita vontade de sair do grupo porque sinto que me mantendo lá acabo me renegando um recomeço porque por mais que eu chegue a conhecer alguém para uma possível relação amorosa não teria como leva-lo aos meus amigos que acostumavam a me ver com o pai dos meus filhos além de que tinha ferida de divorciada sempre se abre quando chego aos locais dos nossos encontros. Para dizer que não é fácil para mim continuar com os meus amigos que também os considero irmãos.

Com o caso da Cristina compreendo que quando o casal tem amigos em comum acabam se sentindo numa saia justa tanto o casal assim como os amigos. Esse divórcio afecta todos eles.

### **5.3.Reconstituição afectiva e emocional dos ex-cônjuges**

Depois de ter feito a recolha de dados, no que diz respeito a reconstituição afectiva e emocional, a percepção que tive durante a conversa com os meus entrevistados é de que com o divórcio todos eles teriam ficado emocionalmente abalados tanto que para a sua reconstituição teria levado muito tempo.



No caso do Armando, ele afirmou que para voltar a envolver-se ou seja para voltar a sentir afecto por alguém teria levado muito tempo pois ele passou a desacreditar no amor. Ele fechou-se emocionalmente tanto que durante muito tempo andou com algumas mulheres mas sem muita entrega. Segundo este não tinha ou não se permitia envolver-se emocionalmente por temer que caso se entregasse na integra voltasse a passar pela mesma situação que passara com a ex-esposa.

No caso da Emilia Sithoi, a sua reconstituição afectiva Emocional foi igual a de todos outros meus entrevistados até um certo ponto, ou até ao ponto da dificuldade em abrir novamente o coração para um total entrega a uma outra pessoa. Posso afirmar de acordo com a entrevista com a Emilia que até ao período da nossa entrevista continuava emocionalmente abatida sem cogitar nenhuma possibilidade de algum dia voltar a abrir seu coração para um novo amor. No caso de Emilia ela teme que o novo parceiro caso ela se envolvesse voltasse a separar-se dela caso não consiga dar-lhe um filho.

A desistência duma entrega fácil ou duma tentativa de voltar a ser feliz caracterizou minha recolha de dados neste aspecto, meus entrevistados foram unânimes em afirmar que temem voltar a entregar-se a um novo parceiro por completo.

#### **5.4. Vida económica, financeira e patrimonial dos ex-cônjuges**

Os meus entrevistados foram unânimes no que diz respeito a divisão dos bens com a excessão da Emília.

Armando afirma ter deixado a casa com a ex-esposa e com os filhos a única coisa que ele teria levado e o carro porque o facilita com o seu trabalho. Mensalmente manda dinheiro para contribuir com as despesas das crianças. De acordo com (Dias 2015; Gomes 2000; At all ) defende que no processo de reconstituição social a mãe è responsável pela guarda, desenvolvimento e educação dos filhos.

No caso da Emília pelo motivo que levou o casal ao divórcio, "infertilidade", ela teria desistido de todos bens tendo em conta que o marido tinha somente a casa. A Emília saiu de casa de volta

a casa dos pais, segundo esta não viu porque discutir pela casa sendo que era único bem que o marido possuía.

Por sua vez Massango, teria deixado a casa com a esposa e filhos, ele vive numa casa de parentes que lhe foi dispensado enquanto não fizesse uma casa. Ele terá ficado com um terreno que o casal tinha por fora.

A Cristina teria ganho a casa, e um carro. O marido dela teria ficado com um outro carro pertencente ao casal. Na discussão sobre dissolução do casamento e a partilha de quotas sociais, Jorge Luiz Costa Beber traz uma concepção jurídica consoante a divisão de bens instituída legalmente.

Com a exceção da Emília que tomou a iniciativa própria de sair de casa talvez por sentir certa culpa na incapacidade destes terem um filho, o restante dos meus entrevistados teriam deixado a casa com as esposas e filhos. De acordo com Dias (2015), a inserção de homens e mulheres na vida familiar segue referências que são apreendidas ao longo da vida. O homem o masculino e o pai são qualificações que definem o modo de inserção do sujeito na cultura que ele faz parte e juntas elas definem um padrão de comportamento a ser seguido pelos homens.

### **5.5. O quotidiano encarado pelos ex-cônjuges após o divórcio**

Nesta secção de trabalho, apresento como é encarada a vida pelos ex-cônjuges após o divórcio, como os exemplos indicam a baixo:

Depois que me divorciei fiquei vulnerável posso assim dizer, porque dai em diante facilmente trocava de mulheres, não queria compromisso sério com ninguém. Era normal para mim sair do serviço e passar directo das barracas se fosse sexta-feira terminava a noite por lá.

O facto de saber que ninguém me esperava em casa me deixava homem vulnerável sem projectos futuros só queria saber do momento. Divórcio deveria ser no meu ponto de vista a última saída para os casais, é uma experiencia que não desejo a ninguém. Depois desse todo que passou agora pude por a mão a consciência e sinto-me preparado para conhecer alguém e levar uma vida com ela. Posso chamar isso de uma reconstituição para minha vida pois, pretendo

arranjar alguém e reconstruir minha vida tentar fazer diferente do que fiz no meu primeiro casamento.

Este exemplo mostra os momentos difíceis pelos quais o Armando passou após o divórcio. E mostra também a sua superação e vontade de uma reconstituição em sua vida. O melhor de tudo é o facto do Armando estar disposto a fazer o melhor na próxima relação. Por outro lado o exemplo permite compreender que a separação entre o casal significa o início de uma nova vida. Um outro exemplo é da Emília Sithoi, ela fala da sua vida após o divórcio.

Meu ex-marido era uma pessoa difícil de lidar, para ele não existia outra possibilidade, para ele a razão pela qual eu não conseguia engravidar era somente meu. Ele ocupava-me, agredia-me e eu ignorante diante daquela situação me mantinha calado sofrendo. Agora que já superei a separação e com ajuda dos meus amigos e familiares ganhei força e estou disposta a procurar fazer exames de fertilidade. Ainda não penso num outro homem como marido talvez porque tenha uma situação mais urgente a resolver depois disso conversarei comigo mesma e vejo se me caso novamente.

O exemplo da Emília mostra uma dúvida em relação a um possível recomeço ou reconstituição pelo facto que ela própria esclareceu. O Massango irá a seguir mostrar como tem encarado a vida após o divórcio.

Graças a Deus depois de tanto sofrer com o álcool e com a discriminação, pelo facto de ser um alcoólatra finalmente consegui me livrar da bebida aprendi a ir a igreja onde conheci uma amiga que e quem tem me dado muita força para compreender que a vida está cheia de armadilhas mas o que é mais importante é saber levantar e se erguer novamente. Sinto-me muito feliz e com disposição para uma nova vida.

O exemplo do Massango faz-me compreender que as pessoas podem realmente transformar-se quando Deus está ao nosso lado e nos cerca também de pessoas maravilhosas. Por fim temos abaixo as declarações da Cristina.

Eu continuo com as actividades que fazia quando era ainda casada. Ao amanhecer levanto-me, preparo-me e saio para cuidar dos meus negócios. No dia a dia tem sido difícil afastar tantos homens que mostram interesse por mim. Acabei por aceitar ficar para melhor nos conhecermos

com um amigo. A verdade é que depois da história que vive com o pai dos meus filhos fica difícil voltar confiar totalmente em homem.

Mas como estou viva ainda preciso de tentar seguir em frente e dar novo crédito as pessoas, acreditar que nem todos homens fariam o mesmo que o meu marido fez. Estou a reconstituir minha vida com fé de que de tudo certo.

A Cristina apesar do sofrimento que teve com a decepção causada pelo ex-marido ela decidiu abrir o coração e dar-se nova oportunidade.

A partir dos exemplos apresentados nesta secção mostro que os ex-cônjuges após o divórcio por um lado marca o início de nova vida no que concerne ao relacionamento entre os separados preenchidos pela saudade, e angustia, e na execução das actividades domésticas nas quais existiam entre homens e mulheres que nesta nova vida não se faz sentir e na guarda dos filhos, por outro lado verifica-se a continuidade das relações entre os separados os seus familiares e círculos de amizades.

#### **5.6. Discursos sociais sobre o divórcio e continuidade de amizades e laços de parentesco**

Nesta secção do trabalho, apresento os discursos produzidos socialmente sobre o divórcio e os processos de continuidade de amizades e laços de parentesco como podemos ver abaixo:

A sociedade não vê com bons olhos o divórcio. Principalmente para o lado da mulher, a sociedade discrimina uma mulher divorciada alegando não ter esta boa conduta porque mulher de verdade segundo Emília dizem ser ela capaz de suportar todo mal ao lado do seu marido e manter-se ali firme. Dos meus entrevistados segundo Emília, ela foi durante algum período alvo de murmúrios na rua chegando a ser lançada por alguns objectos. Segundo esta as Mulheres diziam que ela era ma exemplo para as miúdas do bairro, porque teria ela voltado do lar. A mulher divorciada geralmente sofreu duas vezes primeiro a discriminação no seio familiar e depois discriminada no Bairro.

Os meus entrevistados no caso do Massango, este sofreu também discriminação por parte dos amigos que chegaram a afastarem-se dele, foi discriminado nos seus círculos de socialização mas ele foi boa essa experiencia porque através desse abandono, dessa discriminação acção ele se tornou num novo homem que e hoje.

A partir dos exemplos apresentados nesta secção mostro que os discursos produzidos De uma forma geral, os dados apresentados no presente trabalho mostram que o processo de reconstituição social dos ex-cônjuges na sociedade onde passam a pertencer após o divórcio é feito a partir dos questionamentos sobre a sua separação que envolvem humilhações culpabilidades por serem vistos como detentores de maus ensinamentos no bairro, da selecção, e análise da informação e de distanciar-se das pessoas que olham a eles com atribuições diversas. Este momento, por um lado marca o início de nova vida no que concerne o relacionamento entre os separados preenchidos pela saudade, e angustia, e na execução das actividades domésticas nas quais existiam por parte das mulheres e dos homens que nesta nova vida não se faz sentir e na guarda dos filhos, por outro lado verifica-se a continuidade das relações entre os separados com os seus familiares e círculos de amizades.

## Considerações Finais

Da análise de dados, compreendi três (3) coisas, dentre as quais: Percepções dos ex-cônjuges sobre a sua interação na família e círculos de amizades pós-divórcio, A vida encarada pelos ex-cônjuges após o divórcio e Os discursos produzidos socialmente sobre o divórcio e os processos de continuidade de amizades e laços de parentesco.

No que tange as percepções dos ex-cônjuges sobre a sua interação nas famílias e círculos de amizades pós-divórcio revelam os questionamentos sobre a sua separação que envolvem humilhações culpabilidades por serem vistos como detentores de maus ensinamentos no bairro. Por sua vez, os divorciados, para suprir estes problemas, ao longo da sua vida, criam condições de seleccionar, analisar a informação e de distanciar-se das pessoas que olham a eles com atribuições diversas.

Em relação a vida encarada pelos ex-cônjuges após o divórcio e Os discursos produzidos socialmente sobre o divórcio constatou-se que o divórcio marca início de nova vida no que concerne o relacionamento entre os separados preenchidos pela saudade, e angústia, e na execução das actividades domésticas nas quais existiam de mulheres e de homens que nesta nova vida não fazem sentir e na guarda dos filhos, por outro lado verifica-se a continuidade das relações entre os separados com o os seus familiares e círculos de amizades.

Por último, no que refere aos discursos produzidos socialmente sobre o divórcio e os processos de continuidade de amizades e laços de parentesco apontam o surgimento de comportamento de agitação, nervosismos e isolamento das pessoas separados no âmbito da convivência no seio dos seus familiares e círculos de amizades.

De uma forma geral, os dados apresentados no presente trabalho mostram que o processo de reconstituição social dos ex-cônjuges na sociedade onde passam a pertencer após o divórcio é feito a partir dos questionamentos sobre a sua separação que envolvem humilhações culpabilidades por serem vistos como detentores de maus ensinamentos no bairro, da seleção, e análise da informação e de distanciar-se das pessoas que olham a eles com atribuições diversas.

Este momento, por um lado marca o início de nova vida no que concerne ao relacionamento entre os separados preenchidos pela saudade, e angustia, e na execução das actividades domésticas nas quais existiam de mulheres e de homens que nesta nova vida não se faz sentir e na guarda dos filhos, por outro lado verifica-se a continuidade das relações entre os separados com os seus familiares e círculos de amizades.

Neste trabalho, a teoria construtivista permitiu captar experiências vividas por um grupo de pessoas separadas/divorciadas com os seus cônjuges na cidade de Maputo e Matola, que a tendência é de construir uma nova realidade nas sociedades onde passaram a pertencer. De forma adicional, percebi que ao passar para uma nova realidade os indivíduos encontram desafios para a sua reconstituição na nova realidade onde se integram, e que passam por um processo de aceitação ou exclusão no âmbito da sua inserção social.

De acordo com Sousa Filho, (2009) a teoria construtivista implica compreender a realidade social como um resultado da acção dos próprios seres humanos nos seus espaços de vida que reproduzem as diferenças culturais e históricas.

Esta teoria reforça minhas conclusões no que concerne ao divórcio, pois, após este, os separados passam por várias situações difíceis ou não. Os ex-cônjuges tem a obrigação de fazer um exame de consciência para poder perceber que se houve divórcio é porque ambas as partes permitiram que isso acontecesse porque de alguma forma não souberam lidar com as suas diferenças quer culturais ou não.

As críticas, maus olhares e tudo de mau que os ex-cônjuges enfrentam no quotidiano é de certa forma uma maneira de construir conhecimento. Como mostra (Castañon, 2004), ao afirmar que o ser humano constrói o conhecimento através de suas interações sociais.

## Referências bibliográficas

Amaral, J, G. (2009) “Problemática da poluição visual nas grandes metrópoles, Rua 25 de Março: Análise histórica e iconográfica sob óptica da poluição e da complexidade das relações sócias, políticas e económicas da sociedade pós-moderna”. *Antecedentes e perspectivas*. São Paulo. Pp. 5-39.

Becker, F, “O que é Construtivismo?”, in: *Revista de Educação AEC*, Ano 21, Nº 23, Abri/Junho de 1992.

Brito, L. M. T. 2007. “Família Pos-Divorcio: A visão dos Filhos”. *Psicologia, Ciencia e Profissao*. Rio de Janeiro.

Botolli, Arpini (2011) “O exercício da paternidade na separação conjugal”. In: JAEGER, KRUEL, SIQUEIRA. (Org.). *Parentalidade e contemporaneidade: os desafios para psicologia*. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano pp. 173-193.

Brito, Leila Maria Torraca (2008) “Família e separações: perspectivas da psicologia jurídica”. In: *Alianças desfeitas, ninhos refeitos: mudanças na família pós-divórcio*. Rio de Janeiro. pp. 17-47.

Brito, Leila Maria Torraca de; CARDOSO, Andréia Ribeiro; OLIVEIRA, Juliane Dominoni Gomes (2010) “Debates entre pais e mães divorciados: um trabalho com grupos”. *Psicol. cienc. Prof* vol. 30, n. 4, pp.810-823. ISSN 1414-9893.

Castañon, Gustavo Arja (2004). *Construcionismo social: uma crítica epistemológica*. UES. Rio de Janeiro.

Cervenly, C. M. O. (2002). “Pensando a família sistemicamente”. In C. M. O. Cervenly & C. M. E. Berthoud (Eds.), *Visitando a família ao longo do ciclo vital* (pp. 15-28). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Coltro, António Carlos Mathias. “A separação judicial e a renúncia a alimentos”, .In: *Afeto, Ética, Família e o Novo Código Civil*. Belo Horizonte: Editora Del Rey. 2004. p.61



Da Silva, C. R. et al. (2009). *Metodo Etnográfico* (<http://pt.slideshare.net/anitarink/mtodo-etnografico-2100383>)

De Almeida, Elizabeth & FELIPE, S. F. (2010) *Abordagem Qualitativa e Suas Possibilidades de Aplicação em Pesquisas na Linguística Aplicada*, Belo Horizonte.

Dias, M. B. “Guarda Compartilhada”. *Revista Jurídica Consultex*. Brasília. DF. Consultex. Vol. 12 No. 275. Pp. 3-19

Dias, Maria Berenice (2015) *As mulheres na vida Pública*. Disponível em: [http://mariaberenice.com.br/uploads/11\\_\\_as\\_mulheres\\_na\\_vida\\_p%FAblica.pdf](http://mariaberenice.com.br/uploads/11__as_mulheres_na_vida_p%FAblica.pdf) Acesso em

Diniz, M, H. *Curso de Direito Civil Brasileira*. Vol. 5. Edições 23, São Paulo. Ed. Saraiva. Pp. 2- 43.

Féres-Carneiro, Terezinha(2003) “Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade” *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374

Giddens, A. (1992). *A transformação da intimidade, sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Goldenberg, M. (1991). *Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan.

Goldenberg, M. (2000). O macho em crise. In M. Goldenberg (Org.), *Os novos desejos*. São Paulo: Record, pp 15-39.

Gottman, J. M. (1994). “Why marriages succeed or fail”. Nova York: Simon & Schuster. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1996). *Anuário Estatístico Brasileiro*. Brasília: Autor.

Gomes, Orlando (2000) *Direito de Família*. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Forense.

Grzybowski, L. S; Wagner, A. (2010) O Envolvimento Parental Após a Separação/Divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 23, p. 289-298, 2010.

Grzybowski, L. S. (2010) “Ser pai e ser mãe como compartilhar a tarefa educativa após o divórcio?” In: WAGNER, A. e cols. *Desafios psicossociais da família contemporânea*. São Paulo: Artmed.

Iamamoto, M. R. 1988. *A reconstrução da trajetória do Serviço Social e sua ética profissional: Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*. São Paulo: Cortez.

Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.

Junior, A, B. 2006. *Ensaio de reconstituição social: Sociedades e Cidadania*. Bela Vista. São Paulo.

Kergoaf, D. 1998. “A relação social de sexo da reprodução das relações sociais à sua subversão” *Pro-Posições, Campinas SP - ISSN 1980-6248*. Vol. 13

Kitson, G. C., & Morgan, L. A. (1990). “The multiple consequences of divorce: a decade review”. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 913-924.

Magalhães, A. S. (1993). *Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Maldonado, M. T. (1986). *Casamento – término e reconstrução*. Petrópolis: Vozes.

Malinowski, Bronislaw. (1997). “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” in *Etnologia*, n. s, nº 6 – 8, Pp. 17 - 37

Maria, Santa (2012) *Separação conjugal: Suas implicações e os desafios para psicologia*. Pp, 1-10

Martins, Mayara Caroline (2015) *Alimentos: Fixação à ex-cônjuge que abandona o mercado de trabalho*. Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Direito no curso de graduação em Direito, Setor de Ciências Jurídicas da Universidade Federal do Paraná.

Molon de Souza, Karina Silva; SMEHA, Luciane Najara et al (2012) “A Relação entre pai e filho (s) após a separação conjugal”, *Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.37, p.7-29*

Nolasco, S. (1998). *Um homem de verdade*. São Paulo: SENAC.

Peck, J. S., & Manocherian, J. (2001). “O divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar”. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*, pp. 291-320.

Quivy, Raimond e Vem Cmpenhoudt. Luc. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva

Ramires, V. R. (1997) *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Rasmussen, P. K., & Ferraro, K. J. (1991). The divorce process. In J. N. Edwards & D. H. Demo (Orgs.), *Marriage and family in transition* (pp.65-85). Boston: Allyn & Bacon.

Rodrigues, Gonçalves (2010) . “Pai deve participar”. In: Jaeger, Kruehl, Siqueira. (Org.). *Parentalidade e contemporaneidade: os desafios para psicologia*. Santa Maria: Editora UNIFRA. p. 11-31.

Romanelli. G. (1995) “Autoridade e Poder na Família”, In: M.do C.B.de, Carvalho (Org.). *A família contemporânea em debate*. (pp. 77-88). São Paulo: EDUC/Cortez.

Romaro, Rita Aparecida e Oliveira (2008) “Patrícia Evangelista C. Leal. Identificação das queixas de adultos separados atendidos em uma clínica-escola de Psicologia”. *Psicol.cienc. prof.*, vol.28, n.4, pp. 780-793. ISSN 1414-9893.

Sarti, C. A. (2008). Famílias enredadas. In A. R. Acosta, & M. A. F. Vitale (Org.). *Família: redes, laços e políticas públicas* (4 ed., pp. 21 – 36). São Paulo: Cortez.

Schabbell, Corinna (2005) “Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação”. *Psicol. teor. prat*, vol.7, n.1, pp. 13-20. ISSN 1516-3687

Schutz, A. 2012. “Sobre fenomenologia e relações sociais” in *Phenomenology and social relations*. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde.